

MANOEL DE SOUZA COUTINHO

E

MIGUEL CERVANTES

I

E' coisa corrente que fr. Luiz de Sousa, o famigerado chronista da ordem dominicana, e não menos luzido pela poesia tragica da vida que mais ou menos lhe fabulou o visconde de A. Garrett, antes de ser frade correu desventuras de cavalleiro, com o seu primeiro nome de Manoel de Sousa Coutinho. Quer elle haja sido noviço maltez, quer simplesmente passageiro em uma galé de Malta, é provado que os piratas argelinos o captivaram ao sahir do porto da Sardenha.

O insigne bispo de Vizeu, D. F. Alexandre Lobo, o mais esmerado biographo que ainda tiveram Camões, Vieira, e fr. Luiz de Sousa, avisadamente presume que Manoel de Sousa esteve em captiveiro durante o anno de 1577; e, como áquelle tempo, Miguel Cervantes estivesse tambem captivo, inferiu o illustre biographo a possibilidade do encontro dos dois escravos. O abbade de Sever, auctor da *Bibliotheca Lusitana*, historiando o que sabia de fr. Luiz de Sousa, já tinha dito que Miguel Cervantes de Saavedra contrahira estreita amisade com Manoel de Sousa Coutinho; e fundamenta a impesada affirmativa em uma passagem extrahida da novella de Cervantes, intitulada *Los Trabajos de Persiles y Sigismunda*.

O douto bispo leu a passagem justificativa da tal supposta estreita amisade; e, se não tirou d'ella a mesma illação de Barbosa quanto á amisade, veio em que Cervantes mostrára ter conhecimento de Manoel de Sousa Coutinho.

De pessoa tão notavel com pormenores da vida tão ignorados, afervora-se a curiosidade de saber tudo que ser possa. A biographia do frade de Bemfica tem dado que farte incentivo á imaginativa de poetas; porém, a historia mal pode ir tomar emprestadas ao drama e ao poema as louçainhas que não quadram á sua gravidade. A historia, pois, sabe pouco da vida de fr. Luiz de Sousa; e já agora nada novo ha que esperar do lavor dos antiquarios; que tudo a meu ver escudrinham os românticos estimulados pela sublime tragedia de Garrett.

Por isso mesmo, nos moveu a curiosidade a procurar na novella de Cervantes a prova da amisade intima dos dois captivos, como Barbosa affirmára, ou sequer a prova de se haverem conhecido como cautelosamente inferira D. F. Alexandre Lobo.

Lemos a passagem indigitada pelos dois litteratos e ainda outra que elles provavelmente não viram na mesma novella. E do confronto do que é notorio na escripta e na tradição, com o romântico retrato que Cervantes nos dá de Manoel de Sousa, tiramos ao claro que o manco de Lepanto apenas conhecia de nome o cavalleiro portuguez. E, se outra inferencia couber no possivel, eutão as tradições de fr. Luiz de Sousa são por tanta maneira

NUMERO 11.

transtornadas que não será estranhavel a suspeita de que Manoel de Sousa Coutinho é um mytho. Não ha ali mais que encommendar a demonstração d'esta legenda a um dos muitissimos discipulos de Nieburh que por aqui enxameam em barda.

Vejam os em que assenta a hypothese de se haverem entre-querido ou sequer conhecido os dois escravos.

II

Periandro e Aurelia iam cortando o mar em demanda de uma ilha. As barcas eram duas, cada uma a dois remos. Um dos remadores cantou em lingua portugueza umas trovas tristes e logo outras em castelhano. Os amorosos navegantes perceberam que o cantor ia enamorado. Mandaram-no passar do outro batel, em que ia, para o delles. O mysterioso barqueiro em termos portuguezes á volta com castelhanos disse:

—Ao céo e a vós e ao meu cantar agradeço esta mudança e melhoria de barco; ainda que seguro estou da brevidade com que o deixarei livre do peso do meu corpo; que as penas sentidas n'alma me vão dando signaes de que a vida me está nas ultimas.

—Melhor o fará o ceu—respondeu Periandro.

Continuaram conversando até á ilha. Fizeram baracas, accenderam fogueira, cosinharam a ceia, iam dormir a trancos, quando Periandro, trasnoitado pela curiosidade, pediu ao remador que lhe contasse sua vida. O barqueiro fallou assim:

—Sou portuguez de nação, de nobre sangue, rico de bens da fortuna, e não pobre dos da natureza. Meu nome é Manoel de Sousa Coutinho, minha patria Lisboa, e minha profissão soldado. Junto ás casas de meus pais, quasi paredes meias, morava um cavalleiro da antiga linhagem dos Pereiras, o qual tinha uma só filha, herdeira unica de seus bens, que eram muitos, apoio e esperança da prosperidade de seus pais. Por linhagem, riqueza e formosura desejavam-na todos os maiores do reino de Portugal; e eu, que por mais visinho de sua casa, mais commodamente a via, contemplei-a, conheci-a e adorei-a com esperança mais duvidosa que certa, de que podesse vir a ser minha esposa. E para poupar tempo e intender que requebros nem dadas pouco valeriam com ella, deliberei que um parente meu a pedisse aos pais para minha esposa; pois tão ajustados eramos em fidalguia, haveres e idades.

«A resposta dos pais foi que sua filha Leonor não estava ainda em idade casadoira; que deixasse passar annos, que lhe dava sua palavra de não dispor da filha em todo aquelle tempo, sem me avisar.

«Levei este primeiro golpe nos hombros da paciencia e no escudo da esperança; mas não deixei por isto de servil-a publicamente á sombra de minha honesta pretensão, que tudo logo se soube na cidade; ella, porem, retirada á fortaleza de sua prudencia e recamaras do seu resguardo, com honestidade e licença dos pais recebia meu cortejo, e dava a perceber que, se lhe não correspondia, ao menos não o despresava.

«Aconteceu, n'este tempo, enviar-me o meu rei capitão-general, officio de qualidade e confiança, a um dos presidios que tem na Barberia. Chegou o dia da partida; e, se tambem não chegou o da morte, é que não ha ausencia que mate nem dor que consuma. Fallei ao pai, consegui que tornasse a dar-me palavra de espera dois annos, commovi-o, por que era discreto, e consentiu-me que me despedisse de sua mulher e de Leonor, a qual em companhia de sua mãe sahiu a ver-me a uma sala, e com ella a honestidade, galhardia e silencio. Pasmeei quando vi ao pé de mim formosura tamanha! Quiz fallar e pegou-se-me a voz á garganta, e a lingua ao céo da bocca. (*) Não sube nem pude fazer coisa senão calar-me e dar indicios da minha torvação com o silencio. O que visto pelo pai que era tão cortez como discreto, abraçou-me e disse:—Sr. Manuel de Sousa, nunca os dias de partida dão licença á lingua que se desmande, e talvez que este silencio falle em favor de v.^{mce} mais do que outra rethorica. Vá v.^{mce} exercer seu cargo, e volva em boa hora, que não faltarei ao que lhe devo. Minha filha Leonor é submissa, minha mulher deseja comprazer-me, e eu desejo o que já disse. Com estas tres cousas me parece que pode v.^{mce} esperar boa sahida a seu desejo. — Ficaram-me na memoria todas estas palavras, e de tal modo impressas na alma, que já mais me esqueceram nem hão-de esquecer em quanto eu vivo for. Nem a formosa Leonor nem a mãe se disseram palavra, nem eu pude, como já contei, dizer-lhes nada.

«Parti para a Barberia e exercitei meu encargo com satisfação do meu rei dois annos. Voltei a Lisboa, e achei que a formosura e fama de Leonor tinha sahido do reino, e chegara a Castella e outras partes, das quaes vinham embaixadores de príncipes e senhores que a pretendiam para esposa; porem, como ella tinha a vontade tão sujeita á dos pais, não curava de saber se a solicitavam ou não. Finalmente, decorridos os dois annos, tornei a supplicar ao pai que m'a desse... Ai de mim! não posso deter-me nestas miudezas!.. A's portas da vida me está já chamando a morte; temo que me não dê tempo a contar minhas desventuras, que, se assim fosse, não as teria eu por taes... Em fim, participaram-me um dia que, no seguinte domingo, me entregariam minha esposa. Esta nova quase me hia matando de alegria... Convidei parentes, chamei amigos, fiz galas, enviei presentes com todos os requisitos que podessem mostrar ser eu quem me casava e Leonor quem havia de ser minha esposa. Chegou o dia. Fui acompanhado da flor da cidade a um mosteiro de freiras, chamado da Madre de Deus, onde me disseram que minha esposa me esperava desde a vespera, pois tinha sido gosto seu que n'aquelle mosteiro se celebrasse seu desposorio com licença do arcebispo da cidade... Cheguei ao mosteiro que real e pomposamente estava adornado; sahiu a receber-me quase toda a gente principal do reino, que me esperava alli com infinitas senhoras

(*) O futuro fr. Luiz de Sousa a dizer estas coisas assim plebeas em estylo tão baixamente anathómico!

das principaes da cidade. Retumbava o templo de musica vocal e instrumental. Neste comenos sahiu pela porta do claustro a sem par Leonor, seguida da prioriza e de muitas freiras, vestida de tafetá branco golpeado com saia inteira á hespanhola, apselhados os golpes com ricas e grandes perolas, a barra da saia era tela de verde e oiro. Caiam-lhe pelos hombros as soltas madeixas, longas a beijar o chão, e louras a deslumbrar o sol. Cinto, gargantilha e anneis que trazia valiam um reino, segundo la disiam. Repito que sahiu tão bella, tao esbelta e opulentamente adornada que era inveja das mulheres, assombro dos homens. De mim sei dizer que ao vê-la, fiquei tal que me julguei indigno d'ella, por me parecer que se eu fosse emperador do mundo, ainda lhe faria aggravo.

«Em metade da egreja estava armado um como tablado theatral, onde desafogadamente sem impêços se havia de celebrar nosso desposorio. Subiu primeiramente a formosa donzella, e de lá ás claras ostentou sua gentileza e galhardia. A quantos olhos a contemplavam figurou-se-lhes o que sohe parecer a aurora ao repontar do dia, ou o que a casta Diana parecia nos bosques, no dizer das antigas fabulas; e discretos ahí foram que não acertaram a comparal-a se não a si mesma.

«Subi ao tablado cuidando que subia ao meu ceo, e posto em joelhos diante d'ella, quase dei vislumbres de idolatral-a. Surge uma voz no templo precedida d'outras que disiam: *Vivei felizss e longos annos no mundo, ó ditosos e bellissimos amantes! Coroem preste, formosissimos filhos vossa meza, e ao largo andar se prolongue vosso amor em vossos netos. Não saibam os raivosos ciumes nem as duvidosas suspeitas a morada de vossos peitos Caia a rendida inveja a vossos pés, e a boa fortuna não acerte a sahir de vosso lar.*

«Todas estas rasões e deprecações sanctas me desbordavam alma de jubilo, vendo o geral prazer em que o poeta levava minha ventura.

«N'isto a bella Leonor me tomou pela mão, e assim em pe como eramos, ergueu um tanto a voz, e me disse: — Bem sabeis, snr. Manuel de Sousa, como meu pai vos deu palavra, que não disporia de mim em dois annos, que se haviam de contar desde o dia em que me pedistes para esposa; e tambem, se bem me lembro, eu vos disse, vendo-me instada de vossas solicitações e obrigada aos infinitos beneficios que me heis feito, mais por effeito de vossa cortesia que de meus meritos, que nenhum esposo aceitava d'este mundo se não vós. Meu pai cumpriu sua palavra, como vistes, e eu vou cumprir a minha como vereis. E assim, sabendo eu que os enganões, bem que honrosos e proveitosos, tem não sei que de traição quando se dilatam e entretém, quero sem demora desvanecervos a idea de que vos atraíçoei. Senhor meu, sou casada; e com esposo vivo, por maneira nenhuma posso casar com outro. Por nenhum homem da terra vos deixo, senão por um esposo do ceo que é Jesus Christo Deus e homem verdadeiro. Este é meu esposo; a elle primeiro dei minha palavra: a elle sem engano e espontaneamen-

te, e a vós sem firmeza alguma e com dissimulação. Confesso que se eu houvesse de escolher esposo da terra, nenhum competiria comvosco; mas, tendo de escolhel-o do ceo, quem como Deus? Se vos isto parece perfidia ou trato descomedido, dai-me a pena que quizerdes, e o nome que vos approuver, que não haverá morte, promessa ou ameaça que me aparte do meu esposo crucificado.

«Calou-se, e logo a prioreza e as freiras começaram a paramental-a e a cortar-lhe as preciosas tranças. Imudeci, e por não mostrar fraqueza contive as lagrimas que me vinham aos olhos, e lançando-me em joelhos diante d'ella, quasi á força lhe beijei a mão, e ella christianamente compassiva me lançou os braços ao pescoço. Levantei-me e erguendo a voz do modo que todos me ouvissem, disse: *Mari optimam partem elegit!* e, dizendo isto, desci do tablado, e com meus amigos fui para casa, onde, trabalhando com a imaginação n'este estranho successo, quasi cheguei a perder a rasão; e agora pela mesma venho a perder a vida...» E dando um grande suspiro (acrescenta Cervantes) fugiu-lhe a alma e deu comsigo em terra.

III

E assim acabou o Manoel de Sousa Coutinho da novella, quando promettia fallar muito mais n'aquelle impolado estylo, que não cheirava a discorrer de moribundo. Morrer tão de subitas um sujeito que tinha remado, cantado, ceado, e promettia dormir, se o sr. Periandro o não convida a um cavaco sobre-ceia! Eis aqui um Manuel de Sousa Coutinho quasi ridiculo á feição do molde em que o vasou o chronista do *Cavalleiro da Triste Figura*.

Pospondo, porém, a crytica mal ajustada ao motivo d'este artigo, retrocedamos ao particular intento de perguntar se uma tão desnatural historinha argúe intimidade ou se quer conhecimento entre Manoel de Sousa e Miguel Cervantes. A meu juizo, o auctor de *Persiles y Segismunda* usou d'um nome portuguez que succedeu ser o de um captivo seu coevo na escravidão em Argel, ou por que lhe soasse a noticia de tal escravo, com alguma historia diversa d'amores, ou casualmente lh'o desse assim a fantasia, quando compunha a novella. Inferencias de intimidade entre os dois insignes escriptores só poderá tiral-as do logar citado da novella quem tiver mais paradoxal imaginação que o novellista.

Diogo Barbosa Machado e D. F. Alexandre Lobo não viram, ao que parece, outra passagem da novella de Cervantes referida a Manoel de Sousa Coutinho. O bispo de Vizeu, indicando os logares onde topou as citações de Barbosa, não dá conta do cap. 1.^o do *Livro terceiro* da *Historia de los trabajos de Persiles y Segismunda*.

Periandro, Auristela e outros personagens da historia de Cervantes vão caminho de Roma e aproam a Lisboa. Periandro sahiu um dia de casa e sentiu-se na rua abraçado pelas pernas por um homem que lhe dizia:

—Que ventura, snr. Periandro, a que estás dando

a esta terra com tua presença? Não te admires chamar-te eu por teu nome, que eu sou um dos vinte que cobram liberdade na abrasada Ilha Barbara onde a tu tinhas perdida. Achei-me na morte de Manoel de Sousa Coutinho, cavalleiro portuguez... Trouxe-me boa sorte á minha patria, contei aqui aos parentes d'elle a sua morte d'amor, e accreditaram-na, e crel-o-iam ainda que eu lh'a não affirmasse de vista, por ser quasi costume morrerem d'amor os portuguezes. Um irmão d'elle, que lhe herdou os bens, fez-lhe exequias, e n'uma capella da familia, lhe poz em uma lapida de marmore branco, como se debaixo d'ella estivesse enterrado, um epitaphio que quero vejam todos quantos aqui sois, porque espero vos agrade por discreto e gracioso....

Foram ao templo, e viram a capella e sepultura, sobre a qual estava esculpido em lingua portugueza o seguinte epitaphio:

*Aqui jaz a viva memoria do
já morto Manuel de Sousa
Coutinho, cavalleiro portuguez,
como se vivo fôra. Não
morreu ás mãos de nenhum
castelhano, senão ás de amor
que tudo pode. Caminhante,
procura saber-lhe a vida, e
lhe invejarás a morte.*

Os circumstantes admiraram a discrição do epitaphio, genero de escripta em que, no dizer de Cervantes, *tiene gran primor la nacion portugueza*. Perguntou depois Auristela ao portuguez se a freira tinha sentido a morte de Manoel de Sousa. Respondeu o portuguez que a freira, poucos dias volvidos sobre a noticia de tal morte, expirou de pura magua.

Os peregrinos, em seguimento, passaram a Espanha, guiados por dois cavalleiros de Lisboa, um dos quaes era *Alberto*, irmão do defuncto Manoel de Sousa Coutinho.

Tudo pois nos assevera que Miguel Cervantes ideou uma historia aventurosa á feição das mais estimadas do seu tempo, e a muitos respeitos mais desconcertadas do que hoje as figuram os romancistas acoinados de inventores absurdos.

O que ahí não ha, salvo o nome, é analogia de aventuras que auctorisem a hypothese e menos a certeza de que o grande escriptor portuguez e o maior espirito de Castella se encontraram e confidenciaram em Argel. A mim me parece que Miguel Cervantes, se houvesse conhecido algum amoroso lance de Manoel de Sousa, não lhe attribuiria historia de uns atrapalhados amores que o mataram, estando seu amigo velho e vivo em Lisboa, e pode ser que ja frade ou perto d'isso. (1)

(^o) Presume-se que a ultima obra de Miguel Cervantes haja sido a novella de *Persiles y Segismunda*, publicada posthuma. Cervantes morreu em 1616 e Manoel de Sousa Coutinho professou em 1614. Se o auctor da *Galathea* quizesse dar ao seu amigo a celebridade da novella, é de crer que aprimorasse mais o desenho de tão illustre portuguez e se acostasse a factos verdadeiros que os tinha bons para intretecer um ameno episodio na sua historia,

Fechemos a já fastidiosa impugnação ás creanças do abbade de Sever e dos que estribaram no erro por lhe parecer de boa fonte. Por fim, lembro ao leitor que repare outra vez no epitaphio do fantastico Manuel de Sousa Coutinho. Aquillo tem que ver e rir. *Não morreu ás mãos de nenhum castelhano se não ás d'amor que tudo pode.* Quer dizer que os cavalleiros portuguezes escapados ás mãos dos castelhanos, eram em numero tão diminuto que valia a pena mencionar o caso extraordinario!

Não lhe parece, leitor, que Miguel Cervantes, á custo de muito lidar com o seu D. Quixote de la Mancha já estava gafado das mesmas roncarias?

C. CASTELLO-BRANCO.

ARTE DE DESAMAR

DE OVIDIO

O AUTOR DA ARTE DE AMAR.

PARAFRASE LIRICA

POR

A. F. DE CASTILHO

CANTO I

(Continuado do n.º 9, pagina 83.)

Escutai-me; na intrança, em quanto o affecto mal principia a arder, o arrependido alem do limiar não mova passo.

Suffoca-se a molestia em sua origem; tem-se o corcel que sae. Quem poz tardanças, deu incremento ao mal. O tempo! o tempo torna em uvas o agraço, e relva em trigo. Arvore, a cuja sombra se passeia, já foi tenue virgulta; as mãos da infancia a arrancavam do chão; lançou raizes, medrou co'a idade; espanta a corpulencia, a riqueza, o vigor, a fixidade.

Com perspicaz relance ao primo incontro estuda a tua bella; e presentindo ser jugo de magoar lhe furta o collo.

Aos principios te oppõe; vem tarde a cura, quando em longa demora o mal se arreiga. Pressa em fugir-lhe! e logo; é perigoso transpor de dia a dia; o que hoje custa, custa em dobro amanhã; qualquer amante a si proprio se engana; amor que exita, na mesma exitação se fortalece.

A hora mais asada a uma alforria será sempre a actual. Poucas torrentes vem de fonte abundosa; ás mais confluem no transitio os caudales. Previsse a tempo toda a monstruosidade e horrenda historia do seu nascente amor a infausta Myrrha, não se vira n'um tronco homisiada. Feridas vi, curaveis a principio.

irem co'a longa espera empiorando, converterem-se em ulcera insanavel.

Oh! funesta illusão de amadores!
aura sempre fallaz em Cythera
vos murinura:—acolhei d'estas flores;
ad'outras flores melhores á espera;
não partaes vol-o digo em segredo,
ainda é cedo; amanhã partireis.
E entretanto as fragancias no peito
vão-se em fogo traidor convertendo;
rompe incendio indomavel, horrendo!
da vontade eis o sceptro desfeito!
da rasão eis o oraculo mudo!
mudou tudo; folgaveis, morreis.

Se o primeiro momento,
o idoneo ao curativo, é já passado,
e amor se inveterou, custa dobrado
o vosso tratamento;
mas nem por isso ao misero doente,
per me chamarem tarde,
recusarei covarde
da medica sciencia o trato urgente.
Philoctetes devia,
mal que o feriu na planta o gume hervado,
preste amputal-a; a falta de ousadia
bem dores lhe ha custado:
annos dez leva em ais no teu deserto,
Lennio desterro alpestre.
Mas la vem Machaon, que astuto, experto,
e na arte salvadora insigne mestre,
o restaura, o levanta, o manda á guerra;
A Grecia pasma; e Pergamo se aterral
Inda agora todo eu era presteza
em acudir-vos na paixão nascente;
agora que se ha feito natureza,
careço de a atacar mais lentamente.

Se ao rebentar se não matou o incendio,
resta-vos outro ensejo, e aproveitae-o:
é quando o fogo em seu voraz dispendio
se afracon a si mesmo, e entra em desmaio.

Um furor em precipite despenho,
quem é janais que estolido o contrasta?
Nada-se obliquo, e não se põe o empenho
contra um curso caudal que nos arrasta.

Animo inda insoffrido escapa á arte;
os conselhos repugna, os abomina.
Quando menos te injoe, irei levar-te
da verdade a amargosa medicina.

Mãe que vos chora de um filhinho a morte,
nem louco a interromper-vol-a se atreve;
respeita-se em silencio o seu transporte,
finda a explosão, conforto se lhe leve.

Saber qual é, qual não, a conjuntura,
quasi que cifra um medico tratado;
o vinho a tempo é cura,
fôra de tempo o vinho é reprovado.

Talvez até, quem fosse intempestivo
remedio oppor ao mal, o mal dobrara.
Chega a hora, eis-me pois facultativo,
para me ouvir, teu animo prepara.

E' necessario antes de tudo

pôr grave empenho e serio estudo
em desterrar a ociosidade.
O teu amor d'ella proveio:
d'ella se nutre; ella o só meio
d'onde elle assume actividade.

Sai da inação que te ha perdido;
cambiou-se tudo em continente!
busca o seu arco o audaz Cupido;
já não reluz seu facho ardente;
quem no adorava humilde, accezo,
d'elle se ri, tem-no em desprezo.

Na fresquidão, co'o pé no lodo,
o canavial se ufana todo;
co'a rega o plátano prospera;
viça o chopal das linfas socio;
assim a deusa de Cithera
só pompas cria onde acha ocio.

Se descartares-te de amores
e livre ser te apraz deveras,
surge animoso; entra em lavoires;
continuo lida; as vás chimeras,
pacto do affecto, em fuga as levas,
quaes d'ante o sol fogem as trevas.

Uma apatica molleza,
longos somnos descuidados,
por trabalho o jogo aos dados,
por negocio, o vinho á meza,
pouco a pouco a alma intibiam,
dão-lhe um mal que se não mostra;
chega amor, sem custo a prostra;
e os tormentos principiam.

Pois que amor segue aos madraços,
e os activos aborrece,
sê activo; os futeis laços
trabalhando lhe destece.
Tens o fôro, as leis, amigos,
defendel-os te propões;
tens a guerra sem perigos
das urbanas eleições.
Tens, mancebo, outra milicia
se a de Marte enfim te apraz;
lá nem sombra de mollicia;
glorias só respirarás.
Olha! escuta! não presentes
que triunfos iminentes
fugaz Parthia nos vai dar,
pois que o raio allim da guerra
Cesar mesmo essa impia terra
com seus pés lá foi pisar?
Vai juntar-te ás hostes suas;
vence as cruas
parthas frechas, e as de amor;
e trará aos patrios lares,
quando meaos o esperares,
dois troços de alto esplendor.

Diz que Venus, desde o dia
que a feriu de Etólia o rei,
teu co'a guerra antipathia:
—«Não, agora que já sei
como as duras lanças mordem
—Chamou ella—em tal desordem
nunca mais me arriscarei;
deixo a Marte esses furôres;

ecá na paz, entre os amores,
sem voltando, o abraçarei.»—

¿Perguntaes por onde Egistho
veio a pontos de adulterio?
o caminho está bem visto:
nunca teve emprego serio.
Toda a Grecia, ha já dez annos,
lida em Asia, e dos Troyanos
inda o fado a lá detem;
jaz em Argos solitario!
Guerreará? não vê contrario;
pleiteará? com que adversario?
ninguem hoje ao fôro vem!
Só lhe resta um desafogo
á nativa actividade:
põe-se a amar, e a amar com fogo;
vêde, vêde a ociosidade!

Sim, por ella, é que amor nasce
sim, por ella, e só por ella,
é que n'alma se nos pasce
a paixão que nos flagella.

(Continuar-se-ha).

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 10.)

VII

Eugenia

Finda a partida, passou as cartas, e levantou-se
caminhando direito ao piano.

—Qual de v. exc.ª nos dá hoje o gosto de a ouvir?
—disse voltando-se ás duas irmãs.

Regina entregue ás suas meditações não ouviu. Ao
contrario, Eugenia que almejava um momento favo-
ravel, e não perdia de vista o mancebo, levantou-se di-
zendo:

—Vou mostrar-lhe umas musicas que me chegaram
hoje de Lisboa.—E tomando um caderno ao acaso col-
locou-se de modo a poder dizer-lhe:

—Estranho-te: que tens?

—O inferno, que podes mudar em paraíso, filha.
Disfarça, e vai ler esta carta—respondeu elle, entregan-
do-lhe subtilmente o papel. E' necessario que me dê
hoje mesmo uma resposta decisiva. Pensa minha amiga
—continuou curvado sobre as musicas como se as esti-
vesse examinando, não me respondas sem reflectir; olha
que vai n'isso todo o nosso futuro.

Assustou-se Eugenia com a gravidade do exórdio,
e balbuciou.

—Aterras-me, Raphael! Já me não amas?

—Pelo contrario, louquinha,—redarguiu o mance-
bo—verás pelo que ahí te digo, que nunca eu te amei
tanto!.. Apreça-te, porem, que o tempo corre.

—Sem querer ouvir mais Eugenia voou ao seu quarto, muito agitada.—Que será, meu Deus? que me dirá elle?—ia ella pensando consigo.—Rasgou o fecho da carta, e n'uma convulsão nervosa, leu os protestos de Raphael, e as loucas esperanças que o embriagavam no momento em que lhe escrevia.

A donzella sentiu um deslumbramento rapido tomar-lhe o espirito. Depois tremou, e duas lagrimas correram ao longo de suas faces.

—Inspira-me, Ser hor! inspira-me!—bradou ella pondo as mãos.

E depois de meditar alguns instantes acrescentou com piedosa e resignada paciência:

—Cumpra-se a vossa Divina vontade, ó meu Deus!

Enchugou os olhos, cubriu o rosto com a mascara da indiferença, e entrou na sala.

—Então? que resolves?—perguntou o moço anciado.

—A aceitar as consequencias do infortunio, antes de despenhar-me no abysmo da ignominia, e envergonhar meus pais.

—Pensas assim?—perguntou com fogo Raphael. Duvidas de mim?.. A que chamas tu ignominia, minha amiga?

—A fugir de casa de meus pais. Sim, Raphael, de balde me dourastes os aditos do paraiso. Por tal preço não posso aceitar-o, meu amigo, não; não posso—foi continuado com voz fraca—Embora eu tenha de provar-te a preço da minha vida que o meu amor é grande e sincero.

—Como o da sr.^a viscondessa por Salvador?... Não?—disse com sardonica impetuosidade o mancebo.

—Essa ironia é atroz, Raphael!—gemeu Eugenia com voz plangente.—Quem nos censura pelo respeito filial e a obediencia que devemos aos preceitos d'aquelles que nos deram o ser?!

—Visto isso—tornou o moço incapaz de conter o azedume que lhe causava a perda das suas esperanças—está v. exc.^a disposta, unicamente por submissão aos dictames de seu honrado pai, a faltar aos seus juramentos; a quebrar para sempre com o homem que se esquecia de si para só cuidar na sua felicidade; a romper os laços sagrados d'uma affeição santa, para se entregar nos braços do homem dinheiroso que a compra a pezo d'ouro!.. Faz bem. Tenho entendido.

—Piedade! piedade! Raphael—bradava a menina já esquecida de que poderiam ouvir-a.

—Piedade é que ningem necessita aqui, minha senhora—respondeu Raphael de todo desorientado e elevando a voz,—piedade, só se fôr para o louco que só agora comprehende que a honra é um synonymo de infamia; piedade só para aquelles que tem crença na virtude, e que vêem de repente como os anjos cá da terra, se atacam de lodo immundo da ambição e das paixões mesquinhas... Creio que v. exc.^a leu a minha carta. Resta-me o pezar de a ter mortificado. Adeus: seja feliz.

E n'um impeto, o mancebo levantou-se e correu para a porta.

—Raphael! Raphael!—gritou Eugenia com as mãos postas e os braços estendidos para elle.—Ouve-me! ouve-me por compaixão!

—Nem mais uma palavra! está dito tudo—terminou o moço sahindo da sala, quando já todos se levantavam pedindo explicações.

O tumulto que se fez em redor de Regina, despertou-a do lethargo e adivinhando o que se tinha passado, correu para a irman, tomou-a nos braços desfallecida, e murmurou:

—Tambem tu! Não me tinha enganado. Pobre Eugenia!

(Continúa.)

LIVROS OBSCUROS

O hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto

POR JOÃO MENDES OSORIO.

A par dos livros felizes quotidianamente assignalados á attenção do publico pelos pregões da critica desvelada em os tornar patentes, ha outros que circulam obscuramente na sombra, e acabam emparedados dentro dos seus estreitissimos dominios pelo descazo dos que nem sequer os folhêam e pelo esquecimento de quem por ventura os lê.

O jornalismo, que intervem com o seu voto na ponderação de todos os escriptos vindos a lume dentro da alçada do noticiario local, costuma diagnosticar-lhes o destino pela simples inspecção do titulo, assim como os empiricos descobrem a regularidade ou as perturbações da economia fitando apenas o olho do enfermo arregalado para o exame da sabedoria.

Estas apreciações são tanto mais insuspeitas quanto não é o fallivel juizo humano que as dicta, mas sim um sobresalto intimo, que eu quero crêr que seja a inspiração, com quanto mais vulgarmente se lhe chame só palpíte.

Ha livros cuja apparição se festeja sempre com estes dizeres:

«Acabamos de receber o livro tal devido á elegante penna de *** Não tivemos ainda tempo de ler a obra, cuja apparição saudamos jubilosamente, e a respeito da qual procuraremos emittir brevemente o nosso juizo.»

Quer isto dizer em termo conciso: «Não li, mas gostei.»

Outros livros encontram apenas a seguinte menção:

«Pela typographia tal acaba de ser dado á luz tal livro.» O que é o mesmo que dizermos: «Nem li nem gostei.»

Estes livros desafortunados a que me refiro são quasi sempre para quem os escreve um desempenho de obri

gação ou um descargo de consciencia. No primeiro caso encerram ordinariamente alguma coisa util; no segundo trazem quasi sempre alguma coisa boa, porque um livro consciencioso e sincero é sempre um bom livro.

Verdadeiramente prejudiciaes no vasto campo da publicidade são unicamente os livros falsos, os livros que illudem quem os faz e enganam quem os lê, os livros que mentem á sciencia e á consciencia, ao juizo e ao coração.

Todos os demais são bem vindos sempre. E' proveitoso que se leiam. E' util que se conheçam.

A obra a que especialmente me vou referir, propondo-se demonstrar que o edificio em que se acha o hospital da Misericordia do Porto é um asylo intoleravel e perniciosissimo para os enfermos que n'elle se recolhem, é livro de relevantissima importancia perante a sciencia e perante a humanidade.

A architectura romana do edificio alludido, posto que torpemente disfigurada nos appensos que modernamente se tem feito á parte primitiva do hospital, é ainda assim um notavel monumento architectonico. Não são porem os riscos phantasticos de um desenhista intrepido meritos por que se aquilate a propriedade d'esta casa para o fim a que se destina. Antes é grave erro de hygiene e de caridade christã oppôr enormes massas de granito á benefica acção da luz, do ar e do sol, e desbaratar em vestir paredes mortas o que frei Bartholomeu dos Martyres, um dos mais zelosos despenseiros dos bens dos pobres, mandava applicar a soccorrer miserias palpitantes e vestir paredes vivas.

Erguido em terreno paludoso, empoçado nas vertentes de duas encostas, com os alicerces mergulhados em agoa, que sobe pelas paredes e se espalha, com os miasmas que arrasta comsigo, na atmosphaera do edificio; exposto ainda ás exhalacões nevoentas e aquosas do rio Douro, tão nocivas aos pulmões que as respiram; collocado finalmente ao sudoeste da cidade, entre uma cadeia, um mercado de peixe, um quartel e um hospital; com taes condições, dizemos, a construcção e exposição do hospital da Santa Casa da Misericordia são diametralmente oppostas aos mais elementares principios da geologia e da hygiene.

No tocante ás conveniencias interiores da casa extractarei algumas linhas de um dos documentos citados pelo sr. João Mendes Osorio.

São as impressões de uma visita feita ao hospital por um medico de Lisboa, o qual no *Escholiaste Medico* publicou as seguintes linhas:

«São enfermarias estas casas mal arejadas, estreitas, apertadas, accumuladas de infelizes! São-no infelizmente. A commodidade ficou á porta da rua e fechou-se na arrecadação. As enfermarias são pela maior parte casas incapazes e mal preparadas para receberem doentes. Um grande numero nem sobrado teem. São cobertas de tijolo como as de S. Braz, Senhora do Rosario, Senhora da Piedade, S. João Baptista, S. João de Deus, S. Pedro, e até..... Santo Antonio, a do nome da casa!

Apenas vi sobrado na enfermaria de clinica medica, na de partos e na de Nossa Senhora dos Afflictos. Ha ainda assobradado um terço (salvo o rigor mathematico) da enfermaria de S. João Baptista.

Ainda isto não é o peor. Como as paredes são pela maior parte de abobada, succede que estão muitas vezes humidas, quando não borbulham agua como qualquer cascata.

A lavagem não pode deixar de fazer-se mal.

Sendo o numero de doentes maior do que comporta razoavelmente o edificio, não pode haver remoção de camas em muitas enfermarias. A' humidade inherente á casa junta-se mais esta accidental.

O regulamento manda lavar as enfermarias uma vez por mez desde março até o fim d'outubro. D'aqui concluo eu que nos quatro mezes restantes não se lavam.

Quando se considera em geral as diversas condições hygienicas em que existe o hospital, não pode deixar de sentir-se muito sinceramente que ellas se dêem assim tão desfavoraveis no segundo hospital civil do paiz.»

Um outro medico archivou no mesmo periodico a que acima nos referimos as seguintes linhas:

«A enfermaria de S. Luiz tem 2^m 20 de altura! 4^m 80 de largura, 10^m 67 de comprimento, isto é, 112^m cubicos de capacidade, e por tanto pode apenas conter 2 doentes; ninguem talvez acredite que ali existe sete vezes este numero de camas! 14 doentes onde só existe ar para 2! Em uma agua furtada que apenas tem 2^m 20 d'altura!

Chamam-lhe enfermaria de S. Luiz sem se lembrarem que este caritativo santo está na bemaventurança protestando contra tão insolito e barbaro abuso do seu nome. E' alem d'isto para notar que este escandalo é apenas alumiado por duas *trapeiras*, uma voltada a leste e outra a oeste. Pobre gente, que o menor mal que alli soffre ás escuras é a doença com que entrou para lá!

O outro lugar sem nome, onde mal estaria um doente, contem quatro camas; quem vir a perigosa subida para elle, mal dirá que é alli habitação de doentes.

A accumulacão que vemos no terceiro andar e agnas furtadas é uma coisa espantosa; e mais se admirará ainda quem ouvir dizer que algumas vezes tem sido necessario metter dous doentes na mesma cama!»

O livro do sr. João Mendes Osorio tem muitas paginas tão commoventes e tão expressivas como os trechos que eu acabo de citar. O autor não assucára as verdades que pretende expôr, nem procura tergiversões ou circumloquios para conduzir o argumento que tem debaixo da penna á ultima das suas conclusões. Caminha com o passo firme de quem vae conquistando o conhecido terreno que pisa, á volta e atravez d'esse monstruoso edificio, debaixo de cujas abobadas lobregas, humidas e miasmaticas lavra a podridão, o esphacelamento e a morte. Detem-se em todas as enfermarias, circunda todos os leitos, investiga todas as enfermidades, escuta todos os gemid

e descobre todas as úlceras, as mais canceradas e as mais repulsivas. Expõe-nos em successivas e terminantes alegações a lethal influença do edificio no destino da doença e na existencia do enfermo. Mostra-nos uma leve escoriação degenerada em gangrena e a simples affeição de um órgão convertida em inficcionamento geral. Vemos o obreiro que entrou no hospital com uma arranhadura sahir d'elle mutilado, e inhabil para o trabalho de toda a vida; a mulher nova e gentil, cuja enfermidade encontraria uma cura certa fóra do hospital, demorar ahí alguns mezes em uma enfermaria infecta, e sahir de lá encanecida, enrugada, macilenta, cadaverica, com os dentes apodrecidos, as mucosas desbotadas, o olhar estúpido, com a morte a circular-lhe nas veias arroxadas, e na alma a desesperança arrancando-lhe defronte de um espelho a ultima lagrima da sua mocidade esvahida.

O livro do sr. Osorio divide-se em tres partes, ás quaes podem servir d'argumento as seguintes palavras do prologo:

«Será justo ou desculpavel que n'essas obras architectonicamente collossaes, mas hygienicamente deploraveis, e economicamente ruinosas, se continue a malbaratar o patrimonio da pobreza enferma ou o producto de legados que lhe consagra a beneficencia das almas caridosas.

Negado o primeiro quezito naturalmente resulta como corollario a negativa do segundo, e podemos portanto deduzir a illação de que o hospital da Santa Casa não deve continuar a ser o que é, o que tem sido, e o que será em quanto se não transferir para um edificio construido em local apropriado e com as condições exigidas para estabelecimentos d'esta natureza.

Até ahí a primeira parte da presente publicação.

Na segunda parte exporei, continua o autor, como entendo que se pode realisar a transferencia que proponho, sem que se inutilise o edificio que, sendo inconvenientissimo para um hospital, é comtudo susceptivel de ser muito utilmente aproveitado para outro destino.»

Estes dous pontos capitaes da publicação a que alludo foram devidamente desenvolvidos em uma proposta apresentada á meza da Santa Casa da Misericordia por João Mendes Ozorio, então mezarario na referida cooperação.

Ao modo como pela meza de 1866—1867 foi meditada, estudada, sophismada e controvertida essa proposta é consagrada a ultima parte do presente livro.

N'este derradeiro lanço em que se reproduzem e se analysam os argumentos que contrariaram os trabalhos e os intuitos do sr. Ozorio, respira-se o ar mofento de sacristia, onde as tradições do ramerrão estão agarradas ás paredes limosas, e tão entranhadas na dureza granítica do templo como na inteiriçada renitencia dos sacristães mazorros e dos faquinos esgrouviados, especie de automatos envelhecidos na peguinhada rotina do gave-

tão dos paramentos para a corda do sino, e da corda do sino para a prateleira das galhetas.

O espirito enregela-se com estes ares nunca dourados pelo sol nem renovados pelo vento, e a vontade desmaia ao contacto glacial d'essa abdicação da liberdade de discernir e de julgar.

Das duas uma: ou o edificio em que se acha estabelecido o hospital da Santa Casa da Misericordia do Porto convem, ou não convem para asylo de enfermos. No primeiro caso prosiga a edificação dos appensos que se estão fazendo á parte que existia do edificio primitivo ou acabe-se a obra segundo a planta do seu primeiro architecto. No segundo caso prescinda-se de tudo quanto se acha construido, em construcção e em projecto, procure-se novo local e levante-se uma casa nova.

A sciencia, a humanidade, a philantropia e a caridade christã não admittem outra solução para semelhante dilemma.

A medicina, a hygiene e a geologia condenavam peremptoria e terminantemente esta apparatusa edificação hospitalar. De tal sentença não ha appelação nem aggravação senão para a indifferença ou para a inercia.

O livro do snr. João Mendes Ozorio, levantando esta importantissima questão, é um livro de grande utilidade cuja apparição é dever da critica assignalar.

RAMALHO ORTIGÃO.

EXPEDIENTE

Quase esgotados os primeiros numeros d'este seminario, que vem a formar um volume de 48 numeros, os seus proprietarios resolveram não continuar a tomar assignaturas senão d'anno, para evitar as complicações que costumam dar-se n'este genero d'empresas, e que as colleções fiquem truncadas e por isso inutilizadas.

Acabado o 1.º trimestre, para o que não falta senão um numero, resolvemos, para que o jornal chegue intacto ás mãos dos nossos assignantes nas terras onde temos correspondentes, envia-lo mensalmente a estes snrs. que o farão entregar aos nossos assignantes.

A *Gazeta* assigna-se e recebe-se em casa dos ill.^{mos} srs. Campos Junior, Lisboa; J. Augusto Orcel, Coimbra; José Maria da Costa Azevedo, Aveiro; Francisco Marques da Rocha, Lamego; Germano Joaquim Barreto, Braga; Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, Villa da Feira; e Antonio Augusto da Cruz Coutinho, livraria; Rio de Janeiro—rua de S. José n.º 75.

A correspondencia que tiver unicamente relação com os proprietarios da *Gazeta* deve ser dirigida para a rua da Almada n.º 171.